

GT 8: Diversidades e estudos étnico-raciais (africanos e brasileiros)

Diversidade étnico-racial no Brasil: interccionalidade e reflexões sobre miscigenação, racismo estrutural e democracia racial

Elaine Cristina Mateus-Santos¹
Ana Paula Moreira Silva²

INTRODUÇÃO

No âmago da construção identitária do Brasil encontra-se uma miscigenação, fio condutor de uma trama étnico-racial complexa e enriquecedora que permeia a cultura nacional. Desde os primórdios da colonização, quando portugueses, povos indígenas e africanos desembarcaram em solo brasileiro sob a sombra da exploração e escravidão, a interação entre essas especificidades matrizes étnicas foi crucial para a formação de uma sociedade miscigenada que se tornou a própria essência do país (Mordomo, 2004).

Uma abordagem crítica da miscigenação é necessária para desvendar as intrincadas dinâmicas de poder e os desafios de desigualdade que permeiam o tecido social brasileiro. Tal como salientado por Munanga (1999), a miscigenação não foi mero acaso, mas um projeto urdido pelas elites coloniais para subjugar e controlar os corpos não brancos sob o véu da suposta harmonia racial.

Porém, por trás dessa harmonia aparente, residem as marcas de racismo estrutural que impregnam a estrutura social brasileira, como evidenciado por Fernandes (2008). As desigualdades raciais não apenas persistem, mas se enraízam de forma estrutural, obstaculizando a efetiva promoção da igualdade de oportunidades e direitos entre os diversos grupos étnico-raciais (Alexander, 2010).

¹ Professora da Educação Básica e do Ensino Superior. Estudante especial do doutorado e Mestre em Educação pelo Programa de Doutorado e Mestrado *Stricto Sensu* em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2481-0916> lattes: <https://lattes.cnpq.br/3922580716359530> E-mail: lainemateus7@gmail.com

² Especialista em Antropologia Forense. Especialista em Ciências Políticas e Gestão Pública. Especialista em Sociologia do Trabalho e Exclusão Social. Especialista em Autismo. Graduada em Ciências Sociais. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4078-8199> lattes: <http://lattes.cnpq.br/2710850532485868> E-mail: ana.paula.moreira0@uel.br

Em um contexto multifacetado e complexo, a miscigenação se revela como uma característica intrincada, permeada por dinâmicas de poder, discriminação e desigualdade, que aumentam a influência nas relações sociais e raciais no Brasil (Almeida, 2019). Compreender a história e as implicações atuais desse processo é essencial para a formulação de estratégias eficazes de combate ao racismo estrutural e para a construção de uma sociedade verdadeiramente equitativa e justa para todos os seus cidadãos (Bonilla-Silva, 2018).

Nesse contexto, este estudo têm como objetivos analisar a história da miscigenação no Brasil, considerando suas origens, evolução e impactos nas relações sociais e raciais ao longo do tempo, com foco nas dinâmicas de poder, discriminação e desigualdade presentes nesse processo e examinar a interseccionalidade entre a miscigenação, o racismo estrutural e a democracia racial no Brasil, a fim de propor estratégias para o combate ao racismo e para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

Diante desse contexto complexo, destacam-se autores como Fanon (1968, 2008) e hooks³ (1996) que abordam de forma profunda as questões raciais e as lutas por equidade e justiça. É essencial, portanto, refletir sobre a interseccionalidade da miscigenação, o racismo estrutural e a democracia racial, a fim de construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária (Roithmayr, 2006; Santos, 2010).

DESENVOLVIMENTO

A partir de 1930, quando se inicia a ideia de miscigenação para a ideia de uma “melhora” do povo brasileiro, carrega junto o mito da Democracia Racial, onde o mesmo traz uma ideia de harmonia, um simbolismo que se mascara, porque na realidade, os afro-brasileiros, não tinham uma estadia, uma vida harmônica do Brasil, mesmo os afro-brasileiros constituindo a maior parte da população, eram uma

³ Pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins para homenagear sua avó materna. O nome escolhido, escrito forma minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa (Caruso, 2021).

minorias econômica, política e cultural, onde se reafirma mais uma vez o preconceito no país, tirando dos mesmos até seus próprios costumes por não serem considerados civilizados.

Para que seja possível uma contextualização sobre essa não harmonia na época Nascimento (2016) explana que se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência em áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta resulta se deve à ausência de recurso financeiro.

Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive (Nascimento, 2016). Desta maneira, fica evidente que o negro nunca foi bem-vindo, e bem visto no país, sendo assim, desde a abolição foram deixados à margem da sociedade, para tentarem a sorte de uma “vida”, é válido lembrar que essa margem que os negros foram deixados se consequências até os dias atuais, pois, o povo negro, está entre a população mais pobre do país.

A presença do negro no Brasil, para os detentores de poder e terras, era apenas para trabalho, não queria aqui humanos para habitar o país, queria escravos para servi-los, o que é um problema quando os mesmos originam a ter famílias mesmo dentro de senzalas e em seus engenhos. A população detentora de poder e racista, se sente ameaçada com o aumento de famílias negras no país, e cria diversas teorias para que haja a liquidação do negro no Brasil.

Portanto, “a mistura de raça é facilitada pela prevalência do elemento superior, desta forma, mais cedo ou mais tarde, irá eliminar a raça negro.” (Nascimento, 2016. p.62). Esse elemento superior era o sangue branco, onde essa miscigenação forçada (estupro), que traria “bons” resultados.

Reforça-se a ideia de que o embranquecimento se fundava em um processo de eugenia, para que a população brasileira fosse “europeizada” ou melhor, embranquecida. Se o embranquecimento é, então, o recurso utilizado para resolver o problema do povo negro, esse recurso é também um processo social marcado pela violência. Nascimento (2016) enfatiza tal violência ao abordar a questão da

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

miscigenação por meio do estupro da mulher negra. É, como nos mostrou o autor, por meio da violência, que a população brasileira se tornou “mulata”, sendo essa expressão advinda de mula. Mula é um mamífero híbrido, originário do cruzamento de um cavalo com uma jumenta, as mulas são estéreis e de fácil adaptação. A expressão “mulata”, é referente a escravizados de pele parda, e a mesma acarreta um tom pejorativo por comparar um ser humano à um animal, além disso a palavra é extremamente sexista.

Em Casa Grande e Senzala (1933), pelo antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre, o “mulato” se encontrava no meio de dois extremos, ele era usado pelos senhores em tarefas de confiança, e também foi o “capitão do mato”. Desta forma, o mulato se tornou um símbolo de “democracia racial”, representando assim o povo negro em “todos” os ambientes, mas é possível visualizar o racismo nessa ideia de “democracia”, pois o mulato era considerado uma “melhora”, e assim, o mulato é o início da liquidação do povo negro brasileiro.

De toda maneira é possível perceber que o negro não era bem vindo no Brasil, a partir de um racismo explícito, ou mascarado como aprender a dizer, a vida do negro começa a ser desvalorizada antes de chegar no Brasil, e assim que aqui chega, acaba com toda a expectativa de uma vida digna.

Há maior ênfase ainda, no racismo estrutural quando se nota quais papéis o negro vinha ocupando esses cenários, sendo eles, a mulher negra a empregada, e o homem negro e bandido, ou um homem extremamente ingênuo que aceita qualquer tipo de situação e condição. Essa é a forma em que a sociedade vai naturalmente entender que aquele é o papel do negro no dia a dia, tendo assim a acessibilidade de um racismo, onde o negro será sempre subalterno ao branco. Esse tipo de representação reafirmou os preconceitos no país, onde o negro não podia ter uma carga além de cargas subalternas, e com negociações extremamente a baixo do que se era oferecido.

Toda a vivência do negro no país no passado, reflete nas vidas negras atuais, toda uma vivência de preconceito os deixa ainda a margem da sociedade, cargas como empregadas domésticas ainda são visíveis como cargas de mulheres negras, essas atitudes ficaram marcadas na população, a partir de retratações tão marcantes que foram as novelas, assim podemos dizer que há um

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

racismo geracional, onde se passa de pais para filhos qual o lugar no negro na sociedade, e muitas das vezes não se é tão explícito quanto se parece, mas o momento em que a sociedade notícia que um negro passou em um vestibular para medicina, e ressalta que uma mãe é empregada doméstica, reforça a visão da população de onde o negro pode estar, e que essa “vitória” em cursar uma universidade, é totalmente adversária ao que o negro pode conquistar.

É sugerido a ideia criada por muitos negros, de como deveria ser tratado ou de como isso “melhorou” de uma certa forma aceitavam as condições em que os colocaram, as margens de uma sociedade, a favela, sem condições, sem saneamento, muitas vezes sem luz e sem alimento, ainda sim era melhor que as condições de escravidão, e por consequência agradeciam aos “brancos” por se tornarem mais cultos e não mais escravizar. Desta forma, foi aceito por muitos anos ter poucas condições de sobrevivência, não ter a mesma condição e oportunidade daqueles que detinham o “poder” na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A miscigenação, como histórica e social, revelou-se como um elemento central na constituição da identidade nacional brasileira, espelhando a complexidade e diversidade do país. Desde os primórdios da colonização, a interação entre portugueses, povos indígenas e africanos delineou-se como bases de uma sociedade misturada, especificada por uma rica diversidade, diversidade e cultural.

Entretanto, é premente considerar que a miscigenação não se desenvolve em um ambiente de equidade e harmonia, como frequentemente fora alardeado. A noção de "democracia racial" revelou-se como um mito que encobria as profundas desigualdades e o racismo estrutural arraigados na sociedade brasileira. Uma análise das obras de eminentes estudiosos como Munanga (1999) e Fernandes (2008) evidenciou as marcas do poder, da discriminação e da desigualdade permeando a miscigenação e as relações étnico-raciais no Brasil, apontando para a necessidade de enfrentamento e superação dessas questões.

A abordagem crítica de Nascimento (2016) alerta para a violência subjacente à miscigenação, ressaltando os processos de dominação racial presentes na história do país. O embranquecimento proposto, uma visão distorcida da

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

democracia racial e as estratégias eugenistas evidenciam as tentativas de eliminar as raízes afrodescendentes e perpetuar a desigualdade estrutural na sociedade brasileira.

Diante dessas considerações, é imprescindível que a comunidade acadêmica, os movimentos sociais e a sociedade em geral se engajem em um processo contínuo de reflexão, desconstrução e ação para promover a equidade, a justiça social e a valorização da diversidade étnico-racial. Urge considerar as profundas marcas deixadas pelo racismo e pela discriminação e trabalhar na construção de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e respeitosa com todas as suas diferentes matrizes culturais.

Assim, é imperativo que as conclusões e insights obtidos neste estudo sirvam como ponto de partida para novas investigações, políticas públicas e ações voltadas à transformação social, ao empoderamento das políticas historicamente marginalizadas e à construção de um país genuinamente democrático e equitativo para todos os seus cidadãos. Que esta pesquisa acadêmica seja uma contribuição significativa no combate ao racismo e na promoção de uma sociedade mais solidária e igualitária.

Neste contexto, é essencial que a comunidade acadêmica continue promovendo pesquisas e debates que abordem criticamente as questões étnico-raciais, contribuindo para uma maior conscientização, sensibilização e mobilização em prol da equidade e do respeito à diversidade que caracteriza a sociedade brasileira.

As problemáticas discutidas ao longo deste estudo destacam a complexidade e a essencialidade de se reconfigurar as relações étnico-raciais no Brasil, evidenciando a demanda por transformações estruturais e políticas que propiciem a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva para todos os seus membros.

Que esta investigação inspira e estimula novas perspectivas e ações que conduzam a uma mudança real e à superação das desigualdades historicamente enraizadas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, M. **O Novo Jim Crow: Encarceramento em massa na era do daltonismo**. A Nova Imprensa, 2010.

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo, 2019.

BONILLA-SILVA, E. **Racismo sem racista: uma ilusão da cura do racismo**. 2018.

CARUSO, G. O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell hooks. **FGV Direito**. 2021. Disponível em: < <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-va-ou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

COLLINS, PH. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política de Empoderamento**. Routledge, 2000.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

HOOBS, Bell. **Killing Rage: Acabando com o Racismo**. Nova Iorque: Holt Paperbacks, 1996.

MORDOMO, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ROITHMAYR, D. **Racismo Daltônico**. Revisão da Lei da Califórnia, vol. 94, não. 1, pp. 101-116, 2006.

SANTOS, B. de S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, 2010.